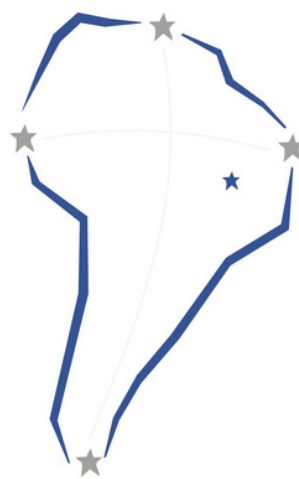


NÚMERO 63

ISAPE Debate

NOVEMBRO 2025



Breve panorama político da América do Sul

Fernando Speggiorin Martini

Helena Magnabosco Camillo

Instituto Sul-Americano
de Política e Estratégia

www.isape.org.br
diretoria@isape.org.br

Sobre o ISAPE

O **Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia** (ISAPE) é uma organização sem fins lucrativos voltada à realização de pesquisa, ensino e consultoria nas áreas de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais.

Fundado em 2010, o ISAPE tem como missão auxiliar a elaboração de políticas públicas no Brasil e no exterior voltadas para a promoção da **soberania**, da **cidadania**, do **desenvolvimento** sustentável e da **integração** sul-americana.

Rua 24 de Outubro, 850/310
Bairro Moinhos de Vento
Porto Alegre - RS, Brasil
CEP 90510-000
diretoria@isape.org.br

O **ISAPE Debate** é uma publicação do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia e oferece análises concisas de desdobramentos internacionais significativos, com foco em assuntos sensíveis ao Brasil e à América do Sul.

Ao oferecer interpretações argutas acerca de temáticas relevantes, o ISAPE Debate é direcionado a uma audiência ampla, desde formuladores de políticas públicas a acadêmicos, mídia e ao público geral.

Expediente

Responsáveis:

Fernando Speggorin Martini

Helena Magnabosco Camillo

Editoração e Diagramação:

Felipe Dalcin Silva

Helena Magnabosco Camillo

**As opiniões aqui publicadas são de inteira responsabilidade dos autores e não necessariamente representam a visão do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE).*

Breve panorama político da América do Sul

Informações do autor: Fernando Speggiorin Martini é bacharel em Geografia e cursa o Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais na UFRGS. O autor é oficial de Cavalaria do Exército Brasileiro e pesquisador associado do ISAPE. Contato: <martinidecavalaria@gmail.com>.

Helena Magnabosco Camillo é graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisa Cooperação e Integração Sul Americana. É Pesquisadora Associada do ISAPE. Contato: <helenamagnaboscocamillo@hotmail.com>.

1 INTRODUÇÃO

O panorama político da América do Sul, especialmente a partir do início deste século, tem se apresentado como um campo de disputa política profundamente polarizado entre direita e esquerda. Compreender a formação e a atualização dessa disputa política constitui um desafio central para interpretar as dinâmicas sociais e institucionais da região. Por conta disso, a existência de movimentos cíclicos de alternância entre governos progressistas e conservadores, expressam tanto a diversidade de projetos dessas sociedades quanto uma cultura política ainda em processo de amadurecimento.

A priori, a combinação singular que caracteriza o espaço sul-americano, composto por um mosaico de culturas e realidades sociais distintas, apresenta-se tensionada tanto pela persistência de forças conservadoras quanto pela atuação de movimentos de orientação reformista. Nesse contexto de pluralismo conflitivo, observa-se o aprofundamento da polarização política e o recurso à violência como instrumento de disputa. Em 2023, por exemplo, o assassinato do candidato à presidência do Equador Fernando Villavicencio durante a campanha eleitoral expôs de forma emblemática o grau de instabilidade e violência vivenciado em processos políticos da região (Balbi, 2023; Valencia, 2024).

No caso brasileiro, o ex-presidente Jair Bolsonaro, que havia sido alvo de um atentado durante a campanha presidencial de 2018 (Phillips, 2018), encontra-se condenado por envolvimento em uma tentativa de golpe de Estado e em atos de caráter antidemocrático (Brito, 2025) após a derrota em um processo eleitoral amplamente marcado por tensões e acusações de fraude (Schroeder, 2025). Esses episódios ilustram a instabilidade que permeia os processos políticos da região e o ambiente de radicalização que tem afetado suas instáveis instituições.

Desse modo, análises recentes apontam para uma tendência geral de

Breve panorama político da América do Sul

erosão dos indicadores democráticos e de enfraquecimento institucional em toda a América do Sul. Tal cenário é atravessado por uma percepção generalizada do aumento do custo de vida e por um contexto global de baixo crescimento econômico, o que limita a capacidade dos governos de responder às demandas sociais e acentua a insatisfação coletiva, impondo desafios adicionais e exigindo que os partidos apresentem novas propostas e reconfigurem seus próprios programas.

Destarte, o presente ensaio busca reunir elementos que auxiliem na compreensão dessas dinâmicas políticas, oferecendo um quadro sintético e atualizado da conjuntura sul-americana contemporânea. Porém, está longe de querer propor respostas conclusivas, pretende contribuir para o debate sobre os processos políticos em curso, evidenciando a necessidade de investigações mais aprofundadas que articulem empiria e teoria na análise da realidade política da região.

A análise dessa conjuntura requer prudência na interpretação e atenção metodológica, uma vez que as causas desse deslocamento político envolvem fatores econômicos, culturais e institucionais interconectados, afastando-se pretensões de natureza preditiva. O presente ensaio, de caráter exploratório, baseia-se em fontes abertas e literatura especializada para oferecer subsídios à reflexão sobre o tema. De maneira a enfatizar o período mais recente, foi dada prioridade a matérias de jornais e periódicos com setor dedicado à política e disponíveis para acesso público, de modo a garantir transparência e possibilidade de verificação das fontes utilizadas.

Em termos conceituais, a distinção entre direita e esquerda adotada pelo trabalho é usada em termos gerais, entendendo-se que essa compreensão expressa formas divergentes de perceber o papel do Estado e a distribuição dos direitos sociais. Norberto Bobbio (1995) observa que, embora essa oposição tenha origem histórica clara, ela adquire novos significados em contextos contemporâneos, no sentido que para o autor, “a contraposição unívoca entre uma direita e uma esquerda acaba por ser

simplificadora”, já que as transformações sociais, econômicas e culturais tornaram mais complexas as fronteiras entre esses campos, sem, contudo, eliminar sua relevância analítica. Todavia, a grosso modo, pode-se apontar que a direita tende a defender a limitação do Estado e a redução de sua intervenção na economia, argumentando que a liberdade individual e o dinamismo do mercado seriam os motores do progresso, já a esquerda sustenta a necessidade de um Estado ativo na promoção da igualdade, na garantia de direitos e na correção das desigualdades estruturais.

A proposta, nesse sentido, consiste em um exercício de caráter exploratório, com finalidade essencialmente pedagógica, tratando-se, portanto, de um trabalho de alcance limitado e de pretensões modestas. Dado o objetivo de abarcar a América do Sul, reconhece-se o grau de generalidade do esforço. Ainda assim, pretende-se que tal empreitada se articule como contribuição informativa, reunindo elementos que auxiliem na compreensão das dinâmicas políticas regionais e componham um quadro sintético e atualizado da situação política dos países da América do Sul.

Para atingir esses objetivos, o trabalho está estruturado em três partes, contando esta introdução. A primeira parte apresenta um panorama geral da situação democrática na América do Sul, com base no Democracy Index 2024 (EIU, 2025), relatório elaborado pela Economist Intelligence Unit, organização britânica vinculada ao grupo The Economist, responsável por uma das avaliações mais amplamente utilizadas para medir o estado das democracias no mundo. Publicado anualmente, o relatório reúne dados e análises sobre 167 países, classificando-os em categorias segundo critérios que abrangem elementos como processo eleitoral e pluralismo, funcionamento do governo, participação política, cultura política e liberdades civis. A partir desse índice e de outras análises complementares, busca-se delinear as principais tendências e desafios que marcam o cenário político recente da América do Sul. Dessa maneira, apontam-se considerações pontuais sobre

Breve panorama político da América do Sul

cada país da região –com exceção das Guianas e do Suriname –de modo a compor um mosaico que evidencie tanto as particularidades nacionais quanto os traços comuns que atravessam o subcontinente. Por fim, nas considerações finais, procura-se retomar e problematizar os aspectos mais relevantes apresentados ao longo do ensaio, articulando-os em torno das principais conclusões possíveis a partir da análise desenvolvida, destacando as tendências que se impõem como objeto de reflexão para os estudos contemporâneos sobre política sul-americana.

Além do mais, os elementos analisados ao longo deste estudo reforçam a percepção de que a América do Sul atravessa uma tendência de erosão dos governos democráticos, acompanhada por um preocupante crescimento da polarização política e por desafios sociais que pressionam os Estados a buscar formas mais diretas de comunicação com a população, frequentemente mediadas pelas redes digitais, em um movimento que apresenta traços de um neopopulismo adaptado ao ambiente virtual.

Em termos gerais, observa-se uma tendência de avanço eleitoral de partidos de direita em diversos países, enquanto mesmo nos contextos em que governos de “esquerda” permanecem no poder executivo –como o caso do Brasil, sob a liderança de Luiz Inácio Lula da Silva –, a composição parlamentar tende a tornar mais complexos os processos de governança e de governabilidade^[1]

2 CONJUNTURA GERAL

O fim da primeira década do século XXI assistiu ao surgimento da chamada “Onda Rosa” na América do Sul, período em que diversos países do continente elegeram partidos e lideranças identificadas com a esquerda para ocupar a chefia do poder executivo. Esse movimento é de suma importância para a caracterização da nossa análise, porque faz parte de um momento de ruptura com essa “Onda Rosa” e as suas consequências vão além do que aparentam. À época, tal movimento foi interpretado

como um avanço progressista na região, com análises que destacavam programas de bem-estar social, à ampliação dos direitos e redução das desigualdades. Ademais, também faziam parte de uma reação à recente experiência neoliberal que viveram não somente os países sul-americanos, mas representou uma tendência mundial. A título de exemplificação tivemos uma série de privatizações promovidas pelo ex-presidente Collor, como a das empresas CSN, Embraer, Usiminas, entre outras.

Menos de uma década depois, contudo, observou-se uma guinada à direita, com a ascensão de governos de perfil liberal conservador ou neoliberais, o que parecia sinalizar o encerramento de um ciclo político. Desse modo, como declarou o recém-empossado presidente da Bolívia, Rodrigo Paz, que sua vitória representa um fim de um ciclo político (partido MAS -Movimiento Al Socialismo- passou mais de 15 anos no poder na presidência na Bolívia) que, em sua opinião, prejudicou o país. Hoje é extremamente relevante destacar que o avanço da extrema direita pelo mundo e a crescente polarização política demonstram a influência dos movimentos políticos mundiais na América do Sul.

Ainda que tais momentos revelem certa sincronia na articulação política do espaço sul-americano, sugerindo a presença de tendências comuns e dinâmicas regionais interconectadas, as explicações possíveis variam conforme a lente de observação. As interpretações costumam recorrer a fatores históricos compartilhados, como o passado de colonização ibérica e as sucessivas experiências de governos autoritários que marcaram o continente, desde os antigos caudilhos até os regimes militares do século XX. Na medida em que esse passado comum, aliado às recorrentes oscilações políticas, impulsiona a busca por interpretações que permitam compreender a persistência desses padrões e, em sentido mais amplo, a própria configuração contemporânea da realidade política sul-americana de maneira a destacar a instabilidade política presente no subcontinente.

Breve panorama político da América do Sul

Entre 2021 e 2025 consolidou-se na América Latina um sentimento generalizado de crise, que canalizou o mal-estar coletivo diante da deterioração das condições de vida contra os governos de esquerda que haviam ocupado o poder anteriormente (Pizano, 2025). As Fake News que apesar de já serem mecanismo político e eleitoral tiveram seu uso intensificado na pandemia. E, também contribuíram imensamente para o agravamento da crise político-social. Durante o período pandêmico as Fake News foram instrumentalizadas para gerar euforia social que serviram a base do governo para o período eleitoral de 2022 no Brasil. Assim, a crise do próprio capitalismo internacional acabou por transferir a responsabilidade para esses governos que passaram a ser percebidos como responsáveis diretos pela estagnação econômica e pela desigualdade crescente. Desse jeito, esse processo gerou um ambiente de frustração social e de descrédito da esquerda, criando condições para que forças conservadoras instrumentalizassem o descontentamento popular. Por conseguinte, ao oferecer a problemas complexos, essas forças exploraram o apelo emocional de massas desiludidas, impulsionadas pelo trabalho realizado nas mídias digitais, abrindo caminho para a ascensão de discursos de direita, o que contribui e para o fortalecimento de lideranças extremistas no cenário político regional.

Ademais, a América do Sul apresenta ainda outro fator explicativo para a recorrência e a articulação de suas tendências políticas. A posição periférica que ocupa no sistema capitalista internacional, associada a elevados índices de desigualdade de renda, ajuda a compreender a persistência de suas vulnerabilidades estruturais. A teoria cepalina é uma das mais importantes e não a única teoria devidamente latino-americana que explica esses movimentos estruturais. Além do mais, a região é também uma das mais violentas do mundo, registrando altos índices de homicídios e criminalidade, o que mantém em evidência as pautas de segurança pública e enfrentamento ao crime. Esses temas dividem amplos setores da sociedade quanto às estratégias mais adequadas de ação e

acentuam a polarização política. Além disso, a América do Sul atravessa um processo contínuo de desindustrialização e de baixo dinamismo econômico, caracterizado por um crescimento limitado e instável, o que reforça sua dependência estrutural e restringe as possibilidades de desenvolvimento autônomo e sustentável.

Outro elemento que marca o cenário político sul-americano é o forte personalismo das lideranças. Nesse sentido, políticos como Jair Bolsonaro e Javier Milei exemplificam esse padrão ao sustentarem seu capital político em discursos de grande apelo emocional e em estratégias de comunicação direta com o eleitorado, amplificadas pelo uso intensivo das plataformas digitais. Conforme destacado por Torquato (2025), o ambiente político sul-americano tem sido marcado por uma erosão das formas tradicionais de mediação democrática, com o recrudescimento do autoritarismo tanto à direita quanto à esquerda. A manipulação das mídias digitais, a circulação de desinformação e o enfraquecimento do debate público racional têm colocado em xeque os regimes democráticos da região.

A esses fatores se somam os desafios da contemporaneidade, entre os quais se destacam a difusão das novas tecnologias de comunicação e a ampla conectividade social (Baptista, 2019). Dessa maneira, em um mundo cada vez mais interligado, o acesso generalizado à internet amplia o potencial informativo e participativo dos cidadãos, mas também expõe as sociedades à manipulação das mídias digitais e à disseminação de desinformação, entendida como a circulação deliberada de notícias falsas com o propósito de distorcer o debate público (Unicef, 2024). Além desses fatores internos, o cenário internacional exerce pressões -o que também expressa sua vulnerabilidade- que condicionam a dinâmica política e econômica da América do Sul. A intensificação da competição entre as grandes potências têm produzido efeitos diretos e cumulativos sobre a região, seja por meio de disputas comerciais e tecnológicas, seja por alinhamentos diplomáticos e estratégicos que afetam a autonomia das

Breve panorama político da América do Sul

políticas nacionais. Portanto, essa aceleração das rivalidades globais amplia as incertezas e cria novos vetores de dependência externa para os governos sul-americanos.

Nas últimas décadas, observou-se uma alternância pendular entre ciclos de governos de esquerda e de direita, e uma nova tendência de ascensão de governos de orientação conservadora, inclusive com elementos de extrema-direita, acompanhada pelo desgaste de coalizões progressistas que haviam predominado na chamada “onda rosa” (Reid, 2025). Ademais, a insatisfação com os resultados dos governos de esquerda no pós-pandemia, intensificada pelo agravamento de indicadores econômicos e pelo desgaste das antigas coalizões que haviam predominado na “onda rosa”, favoreceu o retorno de uma retórica neoliberal e conservadora em diversos países da América Latina.

Conforme apontado por McKenna (2025), entre 2020 e meados de 2025 formava-se um novo “movimento conservador”, sustentada pela rejeição ativa às agendas recentes. Essa previsão se confirmou ainda em 2025, com a eleição de diversos candidatos alinhados à direita e à extrema-direita, consolidando uma inflexão política no subcontinente. Assim, como destacam Rosati (2025) e Osborn (2025), fatores como o agravamento da crise econômica, o aumento da criminalidade e até mesmo a influência do cenário eleitoral norte-americano, com a volta de Donald Trump à presidência, parecem ter contribuído para o fortalecimento da direita na América do Sul. Mesmo nos países onde a “esquerda” permanece no poder, como no Brasil sob a liderança de Luiz Inácio Lula da Silva, há dificuldades evidentes de governança e de governabilidade, o que reflete a complexidade do momento político e econômico da região. Desse modo, a fragilidade da base legislativa, a pressão de setores conservadores e a intensa polarização política dificultam a aprovação de reformas estruturais e comprometem a condução do Executivo, o que tem acontecido tanto no Chile (em que Boric não conseguiu a aprovação de reformas profundas) como no Brasil,

onde o governo do presidente não possui uma maioria no Congresso.

Nesse cenário, ganha relevância o papel do ambiente internacional, especialmente a repercussão da política norte-americana. Por conseguinte, a reeleição de Donald Trump em 2024 funcionou, segundo Rosati (2025), como um catalisador para o fortalecimento da direita no continente, reverberando de forma dissonante sobre uma América do Sul periférica e dependente, sem condições estruturais de responder autonomamente às pressões externas. Fonseca (2025), por sua vez, destaca que temas como segurança, corrupção, imigração e combate à violência passaram a dominar a agenda pública, deslocando o eixo do debate para tópicos mais propícios à mobilização reacionária. Com efeito, a concessão do Nobel a María Corina Machado, crítica ao regime venezuelano, contribuiu ainda mais para intensificar as pressões internacionais sobre governos de esquerda, enquanto a dependência da desenvoltura de líderes como Lula revela a fragilidade de alternativas reformistas institucionalizadas.

Ao lado desse movimento geral, o caso do Chile simboliza a dificuldade de avanço da agenda reformista. Como analisa Matheus Spiess (2025), o governo de Gabriel Boric não conseguiu implementar as mudanças prometidas, sendo superado pela direita na Assembleia Constituinte. Já o avanço de Javier Milei na Argentina, a vitória de Rodrigo Paz na Bolívia e de Daniel Noboa no Equador reforçam a guinada à direita, com forte contestação institucional e crescente influência de pautas conservadoras (Bischoff 2025). A análise de Torquato (2025) observa que esse novo ciclo se articula com características populistas autoritárias, presentes tanto na direita tradicional quanto em setores da esquerda, como no caso do governo de Nicolás Maduro, que também compõe esse contexto de radicalização política.

Além do mais, Maurício Santoro aponta que o atual impasse demonstra que o continente se encontra profundamente dividido ideologicamente, com baixa capacidade de articulação entre governos de

Breve panorama político da América do Sul

diferentes matizes (in Bischoff, 2025). Sendo assim, essa desarticulação regional é agravada por disputas internas e por contextos eleitorais marcados pela instabilidade, aumentando a dificuldade de cooperação entre administrações de orientação diversa, além de comprometer perspectivas de concertação latino-americana. Regiane Bressan (in Bischoff, 2025) destaca que essa alternância ideológica, embora natural em regimes democráticos, torna-se problemática quando ocorre em cenários de fragilidade institucional, especialmente porque a América do Sul enfrenta um problema estrutural relacionado à persistência da desigualdade e à pobreza histórica, o que gera descrença nas instituições e facilita o deslizamento para formas de governo autoritárias.

O mapa político da região, nesse contexto, revela uma configuração instável, marcada por deslocamentos recentes que podem indicar inflexão duradoura. De modo que a coexistência de governos de esquerda e de direita não aponta para um equilíbrio interno, mas sim disputa contínua por hegemonia discursiva, onde a agenda pública tende a ser dominada por temas favoráveis à retórica da direita (Figueiredo, 2025; Rosati, 2025). Como observa Rosati (2025), o agravamento da crise econômica, o aumento da criminalidade e a tensão com pautas identitárias criaram um ambiente propício para esse avanço reacionário. Ao mesmo tempo, os limites estruturais de inserção internacional da América do Sul agravam o ciclo de dependência e reduzem a margem de manobra política. Ainda que não se possa decretar o fim dos governos progressistas na região, os sinais apontam para um realinhamento da correlação de forças no subcontinente.

Além desses fatores internos, é importante reforçar que o cenário internacional exerce pressões que condicionam a dinâmica política e econômica da América do Sul. A intensificação da competição entre as grandes potências têm produzido efeitos diretos e cumulativos sobre a região, seja por meio de disputas comerciais e tecnológicas, seja por alinhamentos diplomáticos e estratégicos que afetam a autonomia das

políticas nacionais. Com isso, essa aceleração das rivalidades globais amplia as incertezas e cria novos vetores de dependência externa para os governos sul-americanos.

Todas essas questões resultam em um quadro político caracterizado por ciclos pendulares, desigualdades persistentes, desafios econômicos e tensões institucionais. O que agrava a superação das dificuldades estruturais enfrentadas não somente pela América Latina, mas também, a América do Sul. Esse conjunto de elementos delineia um cenário complexo, em que fatores históricos, econômicos e geopolíticos se entrelaçam e se reforçam mutuamente, ajudando a compreender a trajetória recente do subcontinente.

2.1 PANORAMA DA AMÉRICA DO SUL E PANORAMA POR PAÍS

Compreender o panorama político da América Latina exige ir além das dinâmicas que caracterizam a América do Sul como um bloco regional. É necessário articular uma visão que abarque o conjunto, mas que também reconheça as partes que o compõem. Assim, as diferentes realidades políticas, econômicas e sociais se interconectam, de modo que os processos internos e as particularidades nacionais influenciam reciprocamente a conformação do ecossistema político sul-americano.

Dessa forma, nesta seção busca-se apresentar um panorama sintético da conjuntura política de cada um dos países da América do Sul. Ainda que de forma resumida, essa análise tem por objetivo delinear as especificidades nacionais e oferecer uma base empírica que permita confirmar ou relativizar as interpretações que tratam o continente a partir de suas macrotendências.

A América Latina é uma região que carece de integração, o que gera uma série de problemas, mas os principais são a falta de coordenação política para a resolução de problemas que envolvem a manutenção da paz no continente e a ingerência externa constante que limita o

Breve panorama político da América do Sul

desenvolvimento autônomo dos países. E, como disse o presidente Lula na cúpula Celac-União-Europeia (ocorrida entre os dias 9 e 10 de novembro desse ano): “A América Latina e o Caribe vivem uma profunda crise em seu projeto de integração. Voltamos a ser uma região dividida, mais voltada para fora do que para si própria.” (Ricardo Stuckert, 2025). Além disso, a democracia na América Latina e no Caribe registrou nova deterioração em 2024, completando nove anos consecutivos de declínio segundo o Democracy Index 2024 (EIU, 2025). A pontuação média regional caiu de 5,68 para 5,61, refletindo o enfraquecimento das instituições e da cultura democrática. Ainda assim, a região permanece como a terceira mais democrática do mundo, atrás apenas da América do Norte e da Europa Ocidental, superando Europa Oriental, Ásia e Oceania, África Subsaariana, Oriente Médio e Norte da África. O índice indica que a América Latina e o Caribe mantêm desempenho acima da média global em processo eleitoral, pluralismo, participação política e liberdades civis, mas apresentam limitações no funcionamento do governo e a pior pontuação mundial em cultura política. Desse modo, o resultado é um conjunto de democracias formalmente estáveis, porém com baixo enraizamento institucional e crescente desgaste da confiança pública.

Na América do Sul, o relatório aponta a continuidade da deterioração democrática observada na última década. A maioria dos países apresentou queda nas pontuações, refletindo o enfraquecimento institucional e a intensificação das tensões políticas. Brasil, Colômbia e Paraguai destacam-se como casos emblemáticos desse retrocesso. Nessa alçada, no Brasil e na Colômbia, a polarização e a perda de confiança nas instituições contribuíram para o declínio. O Paraguai, que havia sido classificado como “democracia com falhas” em 2023, foi rebaixado a “regime híbrido” em 2024 após a aprovação de uma lei que restringe a atuação de organizações não governamentais. Em contraste, Uruguai e Chile permanecem como exemplos de estabilidade, com alto nível de funcionamento governamental, pluralismo e liberdades civis, sendo o

Uruguai a única “democracia plena” da região. Nos extremos autoritários, Venezuela e Nicarágua continuam sem competição eleitoral e com repressão sistemática de direitos políticos.

2.2 ARGENTINA

A Argentina obteve uma pontuação geral de 6,51 no Democracy Index 2024, ocupando a 54ª posição global e sendo classificada como democracia com falhas (EIU, 2025). O relatório indica elevado desempenho em processo eleitoral e pluralismo (9,17) e em liberdades civis (8,53), mas baixo rendimento em funcionamento do governo (5,00) e cultura política (3,75) (EIU, 2025).

A conjuntura argentina em 2025 é marcada por forte tensão social e econômica. O governo de Javier Milei enfrenta crescente frustração pública diante da estagnação econômica que marcou o início do mandato, enquanto as políticas de austeridades implementadas resultaram em agravamento da pobreza e do desemprego (Nugent, 2025). Embora tenham sido anunciados resultados fiscais positivos, a percepção social continua predominantemente negativa, com ampliação da desigualdade e desgaste político acelerado (Trigo, 2025).

A vitória eleitoral de Javier Milei também pode ser compreendida como um ponto de inflexão para a influência de uma nova direita internacional, com forte apoio dos Estados Unidos (Antonini, 2025; Anzolini, 2025; Neto Parensi, 2025). O recente resultado das eleições de meio de mandato provocou forte valorização dos títulos no mercado de ações argentino, e as promessas de até 40 bilhões de dólares feitas por Donald Trump para estabilizar a economia argentina têm gerado efeitos favoráveis ao governo Milei. Apesar de ter um grande componente simbólico, essa aliança ultrapassa a mera retórica e aponta para a consolidação de uma nova articulação entre Estados Unidos e Argentina. O êxito inesperado de Milei nas urnas posiciona a Argentina como polo de

Breve panorama político da América do Sul

reorganização da direita sul-americana, com marca de influência estadunidense (Antonini, 2025; Chafuen, 2025).

Conforme Schaffer (2025), pode-se observar um reflexo de uma afinidade estratégica sustentada por interesses geopolíticos entre Estados Unidos e América do Sul. A Argentina torna-se, nesse cenário, um aliado preferencial dos Estados Unidos na região, não apenas por conveniência econômica. Dado o peso da economia norte-americana, o apoio estadunidense adquire caráter determinante. A persistência dessa afinidade, com eventual prolongamento de um governo republicano nos Estados Unidos, pode consolidar uma articulação com efeitos mais profundos e irradiar essa influência americana. Tal efeito já se manifesta também na Europa, como no governo de Giorgia Meloni. Assim, o caso argentino, conforme sustenta Schaffer (2025), pode funcionar como referência para uma estratégia de alinhamento conservador, promovendo articulação político-ideológica entre América do Norte, América do Sul e Europa, com possível impacto sobre os processos de integração regional, mesmo que comum temerário aprofundamento de dependência argentina.

2.3 BOLÍVIA

A Bolívia registrou em 2024 uma pontuação geral de 4,26 no Democracy Index, ocupando a 103ª posição global e sendo classificada como regime híbrido (EIU, 2025). O relatório indica baixas pontuações em funcionamento do governo (3,93) e cultura política (1,88), refletindo um quadro de polarização e fragilidade institucional.

Inicialmente é importante mencionar dois fatores presentes na realidade social boliviana que estão impactando tanto o cenário político quanto o econômico de maneira abrupta. A questão da falta de combustíveis no país e o esgotamento de suas reservas internacionais exercem um papel essencial para o entendimento da virada política da Bolívia nas últimas eleições que aconteceram no mês de outubro deste

ano. Além disso, as abstenções e votos nulos cresceram significativamente no primeiro turno das recentes eleições. Segundo pesquisa eleitoral feita pelo veículo “Bolivia Verifica Elecciones”, as abstenções chegaram a 11,5% da população votante e os votos nulos atingiram a cifra de 19,87%. Ou seja, Rodrigo Paz (Partido Demócrata Cristão) enfrentará uma situação delicada ao assumir a presidência em 8 de novembro. Aliás, esse foi o primeiro segundo turno para presidente da história da Bolívia.

Paz assumirá o país no que foi declarado a pior crise econômica dos últimos 40 anos (Ernesto Estremadoiro Flores, 2025). No primeiro semestre deste ano o país teve uma taxa negativa de crescimento de 2,4% (Luciana Taddeo, 2025). Além da crise de combustíveis e fundos, a Bolívia passa por alta inflação, fatores que impactam diretamente a população. O presidente declarou que sua eleição significou uma virada de chave para a realidade política do país e que caracteriza o fim de um ciclo político que prejudicou o país (Fernando Del Rincón, 2025). A título de explicação, o partido MAS (Movimiento Al Socialismo) permaneceu na presidência por mais de 15 anos, principalmente centrado na figura de Evo Morales e mais recentemente de Luis Arce. Porém, Morales tem sido alvo de denúncias por tráfico de pessoas e Paz afirmou que a reforma judicial será promovida, na medida que segundo Paz: “a justiça recairá sobre aqueles que tiverem que enfrentar a justiça. Mas Evo tem uma condição especial: o Estado não aplicou a ele o rigor da lei” (Fernando Del Rincón, 2025). Isso, de certa maneira, mostra a fragilidade que se encontra a base política do Partido MAS, que por muito tempo se sustentou na figura de Morales e, nessas eleições presidenciais apresentou resultados insatisfatórios.

O novo presidente, pelo seu lado, propôs a formação de um governo de unidade com os três blocos da oposição que estão no parlamento. Além disso, Paz quer construir um governo marcado pela transparência, meritocracia e o distanciamento do modelo promovido pelo MAS (Fernando Del Rincón, 2025). Paz declarou-se centrista e advoga por um

Breve panorama político da América do Sul

“capitalismo para todos” e voltará a estimular a economia formal com programas de crédito barato e redução de impostos (Luciana Taddeo, 2025). No seu plano de governo quer articular o congelamento de todas as empresas estatais deficitárias e contratações pelo Estado, assim descentralizará o governo (redistribuindo os fundos em metades para os departamentos bolivianos) e promoverá o crescimento do setor privado, mantendo os programas sociais, mas diminuirá os subsídios sobre o insumo de combustíveis (Luciana Taddeo, 2025). No entanto, os bolivianos já estão pagando preços mais altos como se já não houvesse subsídio (Ariel Melgar Cabrera, 2025). Essas medidas e declarações sinalizam o declínio da onda rosa sul-americana e a sua substituição por governo mais à direita, como o já citado da Bolívia, Paraguai, Argentina, Peru, entre outros. Apesar de que Paz declarou que não irá recorrer ao FMI (Fundo Monetário Internacional), mas também, não especificou as origens dos créditos (Luciana Taddeo, 2025). Segundo a cientista política Lily Peñaranda, o presidente terá que tomar iniciativas impopulares e “serão medidas que levarão a um aprofundamento da crise, porque não tem outra saída” (Luciana Taddeo, 2025). No que concerne às reservas internacionais, o país tem uma estabilidade fictícia por conta da queima das poucas reservas internacionais (Luciana Taddeo, 2025) e no fim do ano a Bolívia terá que pagar 950 milhões de dívida externa, o que torna inevitável o pedido de financiamento externo (Ariel Melgar Cabrera, 2025). Ademais, segundo o economista Jorge Baldivieso, o país precisa de uma injeção de dólares para atacar a inflação e necessita resolver o problema da corrupção. Assim, de acordo com Baldivieso, “Este problema no es por falta de recursos ni capacidad productiva, es por mala gestión y corrupción. Y cuando hablo de corrupción no me refiero solo a robar: también es invertir mal, crear empresas que no producen. Solo eliminando eso se podría ahorrar unos 1.500 millones de dólares al año” (Ariel Melgar Cabrera, 2025).

Já o programa do novo presidente para a América do Sul, Paz disse que é preciso primeiro ajustar a economia e a segurança jurídica antes de negociar com o Mercosul (Mercado Comum do Sul) (Luciana Taddeo, 2025). Aparentemente, a medida de Paz de reduzir ou zerar impostos de produtos importados não condiz com o funcionamento do bloco, mas ainda é necessário esperar os futuros desdobramentos. Ele afirmou que: “o Mercosul é um processo que vai demorar para os bolivianos” (Luciana Taddeo, 2025). Isso, de determinada maneira, demonstra um esvaziamento do Mercosul, que não se origina de hoje. Paralelamente, Paz anunciou que irá resolver a questão dos combustíveis (Bolívia depende 80% da energia de hidrocarbonetos) com a gestão de nações amigas como Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, e, também, com o governo dos Estados Unidos (Luciana Taddeo, 2025). O que, mais uma vez, demonstra certo sucesso da ingerência externa por parte do governo norte americano de articular aliados no subcontinente na medida de impedir maior conjugação dos interesses próprios sul-americanos.

Por fim, o novo presidente enfrentará muitos desafios e apostará em medidas inovadoras, como estímulo de energias limpas num país que baseia sua economia na extração de hidrocarbonetos. E, Paz aparece em momento propício no governo boliviano, no sentido que acompanha uma tendência presente na América do Sul recentemente, que opta pela eleição de governos neoliberais como solução da crise estrutural pela qual passa.

2.4 BRASIL

O Brasil obteve uma pontuação geral de 6,49 no Democracy Index 2024, ocupando a 57^a posição global e sendo classificado como democracia com falhas (EIU, 2025). O relatório aponta excelente desempenho em processo eleitoral e pluralismo (9,58), mas baixas notas em funcionamento do governo (5,00) e cultura política (5,00) (EIU, 2025).

Breve panorama político da América do Sul

A conjuntura brasileira pós-eleições municipais reflete um ambiente de forte polarização e desgaste institucional, marcado por tensões persistentes entre Executivo, Legislativo e Judiciário (Queiroz, 2024). Em meio a esse contexto, pesquisas indicam que o eleitorado permanece dividido e inclinado ao liberalismo econômico, evidenciando a fragmentação ideológica e a volatilidade das preferências políticas (Strano, 2025).

O país atravessa um momento de crise entre os Poderes, resultante de disputas políticas contínuas e dificuldades de coordenação institucional (Falcão, Salomão e Behnke, 2025). Essa conjuntura reforça o diagnóstico de esgotamento das democracias liberais, caracterizadas pela dificuldade em conciliar representação popular e estabilidade econômica (Mosquera, 2025).

No plano internacional, lideranças progressistas da América Latina firmaram uma aliança em defesa da democracia, enfatizando a proteção das instituições diante da ascensão global da extrema direita (Deutsche Welle, 2025). Conci (2025) identifica a persistência de uma incompletude democrática na região, associada à necessidade de consolidar uma cultura cívica autônoma, enquanto Barroso (2022) ressalta que a democracia brasileira permanece sob pressão, tensionada tanto por forças internas de radicalização quanto por tendências globais de erosão institucional.

O conjunto das evidências analisadas sugere que o Brasil mantém estruturas eleitorais sólidas, porém enfrenta déficits de governabilidade, desconfiança pública e instabilidade entre os Poderes. A combinação entre polarização política, crise institucional e descrédito na representação limita a capacidade democrática de resposta aos desafios econômicos e sociais, situando o país em uma zona de tensão entre a consolidação democrática e a fragilidade estrutural do regime político.

2.5 CHILE

O Chile obteve uma pontuação geral de 7,83 no Democracy Index 2024, ocupando a 29ª posição global e sendo classificado como democracia com falhas (EIU, 2025). O relatório indica elevado desempenho em processo eleitoral e pluralismo (9,58) e em funcionamento do governo (7,86), além de alta estabilidade em liberdades civis (9,41) (EIU, 2025).

Em 2025, o Chile atravessa um ciclo eleitoral competitivo, marcado por oito candidaturas presidenciais registradas para o pleito de novembro. O ambiente político é dominado por debates centrados em três eixos principais: economia, governança institucional e segurança pública (Santiago, 2025b; Villegas, 2025). O recrudescimento da criminalidade e a percepção de ineficiência estatal frente às demandas sociais resultaram na crescente centralidade da segurança como pauta eleitoral dominante.

A ênfase na estabilidade reflete a preocupação popular com a preservação da ordem diante do avanço de problemas estruturais como desigualdade, precarização dos serviços públicos e migração descontrolada. As desigualdades persistentes corroem a confiança nas instituições e limitam a efetividade das políticas de bem-estar (Scatolini, 2025), compondo um quadro de relativa estabilidade formal, porém tensionada por insatisfações profundas que afetam a legitimidade do sistema e a adesão à cultura cívica democrática.

Nesse contexto, a vitória da direita nas eleições presidenciais, com José Antonio Kast avançando ao segundo turno com 24% dos votos, indica uma inflexão clara no comportamento do eleitorado. O pleito foi marcado pela fragmentação do campo conservador, que, mesmo disperso em várias candidaturas, alcançou cerca de 70% dos votos no primeiro turno (Webber, 2025). A candidata governista Jeannette Jara, do Partido Comunista, obteve 26,8% e enfrenta dificuldades para ampliar seu apoio, em um cenário em que a rejeição ao governo Boric e à esquerda

Breve panorama político da América do Sul

institucionalizada se torna um fator agregador das forças de direita (Webber, 2025). O desempenho abaixo do esperado dos partidos tradicionais e a ascensão de figuras antipolítica reforçam um padrão de desconfiança sistêmica, e a polarização entre Kast e Jara configura a disputa mais ideologicamente marcada da história democrática recente chilena.

2.6 COLÔMBIA

A Colômbia obteve uma pontuação geral de 6,35 no Democracy Index 2024, ocupando a 60ª posição global e sendo classificada como democracia com falhas (EIU, 2025). O relatório indica bom desempenho em processo eleitoral e pluralismo (9,17), mas funcionamento apenas moderado do governo (5,71) e baixo índice de cultura política (3,13), refletindo a coexistência entre institucionalidade democrática e persistência da violência (EIU, 2025).

A Colômbia vive um quadro de violência política persistente, em que o lançamento do plano de “paz total” pelo governo Gustavo Petro não interrompeu o assassinato de lideranças sociais e comunitárias (Chagas, 2025). A instabilidade institucional ampliou-se após o atentado contra o político Miguel Uribe, que elevou o nível de tensão interna e fragilizou a legitimidade do governo, ao mesmo tempo em que o uso recorrente de decretos e o conflito com o Congresso alimentaram percepções de impasse político e de risco de crise constitucional (Cueto, 2025a; Cueto, 2025b). Esse cenário se articula com episódios de crise ministerial e com a dificuldade de coordenação interna do governo em torno da agenda de reformas, o que tem sido descrito como fator de travamento da pauta governamental (Bosworth, 2025).

No último ano, o governo Petro tem sido marcado por contradições entre a ambição reformista e o desgaste político do projeto progressista, em meio à centralização de poder, à erosão das alianças parlamentares e

à tramitação conflitiva de reformas estruturais, como a trabalhista (Castaño, 2025; Vargas, 2025). A persistência da violência, a instabilidade institucional e a perda de confiança pública evidenciam limites à governabilidade colombiana, compondo um quadro de fragilidade democrática condicionado por desigualdades históricas e tensões sociais não resolvidas, que restringem a capacidade do governo de consolidar sua agenda em um ambiente político polarizado, num padrão de desgaste da esquerda que tende a seguir a tendência geral da América do Sul.

2.7 EQUADOR

O Equador obteve uma pontuação geral de 5,24 no Democracy Index 2024, ocupando a 85ª posição global e sendo classificado como regime híbrido (EIU, 2025). O relatório indica bom desempenho em processo eleitoral e pluralismo (8,75), mas baixo rendimento no funcionamento do governo (5,00) e na cultura política (1,88), evidenciando um quadro de instabilidade institucional e fragilidade democrática (EIU, 2025).

A escalada da violência política tornou-se um dos principais desafios do governo, exemplificada pelo ataque ao carro do presidente Daniel Noboa, episódio que expôs a vulnerabilidade do Estado diante do avanço do crime organizado e da infiltração de redes ilícitas nas estruturas de poder (Alvim, 2025). O governo tem buscado equilibrar o enfrentamento à criminalidade com a preservação dos princípios democráticos, em meio a um ambiente de insegurança que compromete a confiança pública nas instituições (Ochoa Terán, 2025).

As políticas de exploração petrolífera colocam em tensão a agenda democrática e a sustentabilidade ambiental, revelando dilemas estruturais na condução do desenvolvimento econômico (Koenig, 2025). Ao mesmo tempo, a convocação da décima quinta consulta popular desde o retorno à democracia demonstra vitalidade participativa, mas também evidencia a recorrência do plebiscitarismo como mecanismo de legitimação política

Breve panorama político da América do Sul

(Escobar, 2025). Esse conjunto de fatores compõe um panorama de democracia formalmente ativa, porém vulnerável, em que os riscos de instabilidade se combinam à busca por legitimação constante.

2.8 PARAGUAI

O Paraguai obteve uma pontuação geral de 5,92 no Democracy Index 2024, ocupando a 75ª posição global e sendo classificado como regime híbrido (EIU, 2025). O relatório indica bom desempenho em processo eleitoral e pluralismo (8,33), mas baixa cultura política (1,88), além de registrar rebaixamento em relação ao ano anterior em razão das restrições impostas a organizações da sociedade civil (EIU, 2025).

Algumas ressalvas iniciais são necessárias para o melhor entendimento da situação política paraguaia e especialmente seu papel dentro da América do Sul. Assim sendo, conforme exposto por autores como Germano Silva, o Paraguai é considerado como um Estado de capacidades débeis, pois é incapaz de atender as necessidades das populações que se distanciam do centro político do país, ou seja, a capital Assunção. A distribuição da arrecadação permanece enclausurada a capital, o que caracteriza um baixo alcance geográfico das políticas públicas. Além disso, para agravar o quadro, o Paraguai é uma nação que carece de capacidades militares e econômicas, porque grande parte da economia se concentra no comércio informal. Ademais, o domínio dos cargos políticos de decisão do país pelo Partido Colorado caracteriza o Paraguai como um Estado de corrupção estrutural, no qual o governo envolve-se grandemente com o comércio ilegal e outros assuntos.

O presidente atual é Santiago Peña (Partido Colorado) e de maneira a seguir as tendências do resto dos novos governo eleitos na América do Sul, representa para o país uma guinada neoliberal. A título de exemplificação, declarou recentemente que o seu país mantém impostos baixos, o que para ele caracteriza um Estados “reduzido e eficiente”

(Cristiane Noberto, 2025). Por outro lado, o país é centro estratégico e logístico para as exportações do subcontinente e esse papel é realçado pela rodovia bioceânica que atravessará o território (Caio Junqueira, 2025). A rota por sua vez tem previsão de conclusão em 2026 e tem extensão de mais de 2,4 mil quilômetros. Porém, apesar da rota que foi apresentada pelo Relatório Rotas de Integração Sul-Americana, no ano passado, apresentar caráter de integração em âmbitos de desenvolvimento social integrado, os maiores beneficiados dessa rota serão o grupo europeu menonita que pertence ao agronegócio paraguaio e movimenta mais de 500 milhões de dólares por ano. Apesar disso, o projeto tem impulsionado o crescimento econômico do país (Caio Junqueira, 2025). Segundo o Arnold Wiens, ex-ministro de Obras Públicas do Paraguai: "O Paraguai está integrando território. 61% do território paraguaio não estava conectado em boas condições com os vizinhos" (Caio Junqueira, 2025).

Nos canais diplomáticos, Peña afirma que a integração regional e a confiança mútua são base para um futuro no qual as nações sul-americanas desfrutarão de prosperidade compartilhada (Cristiane Noberto, 2025). Por último, no mês de agosto foi instalado em Assunção e na tríplice fronteira entre Argentina, Uruguai e Brasil um centro antiterrorista apoiado pelo FBI, que servirá não somente para o combate ao terrorismo, mas também, ao crime organizado e a troca de informações entre os quatro países (Enrique Riera, 2025). O que demonstra a ingerência indireta dos Estados Unidos em uma cidade estratégica da América do Sul, porque ali se concentra um dos maiores centros comerciais do subcontinente e o Paraguai é país formador do Aquífero Guaraní (a maior reserva de água doce do planeta). Isso, especificamente, tornou-se elemento estratégico devido à cobiça por parte do governo dos Estados Unidos por esses recursos para a utilização no desenvolvimento de inteligência artificial. Tal fator de ingerência externa causa ainda mais instabilidade para a América do Sul e é uma lacuna para os movimentos

Breve panorama político da América do Sul

de integração.

2.9 PERU

O Peru obteve uma pontuação geral de 5,69 no Democracy Index 2024, ocupando a 74ª posição global e sendo classificado como regime híbrido (EIU, 2025). O relatório registra bom desempenho em processo eleitoral e pluralismo (8,75), mas baixos índices em cultura política (2,50) e liberdades civis (6,47), refletindo um cenário de instabilidade institucional e fragilidade da legitimidade governamental (EIU, 2025).

O país atravessa uma sucessão de crises políticas que resultou em sete governos em apenas uma década, marcada por disputas recorrentes entre Executivo e Legislativo e pela ausência de continuidade administrativa (Velasco, 2025). Em outubro de 2025, a destituição da presidente Dina Boluarte pelo Congresso e a nomeação de um novo chefe de Estado prolongaram o ciclo de incerteza política e acentuaram o desgaste das instituições (lcl Notícias, 2025).

O quadro político peruano revela um processo de desagregação institucional, em que a alternância constante de governos impede a consolidação democrática e alimenta a percepção de colapso do sistema de representação. A persistência de crises sucessivas e a erosão da confiança pública evidenciam as limitações estruturais do regime híbrido, cujas instituições permanecem vulneráveis a impasses políticos e à volatilidade das alianças parlamentares.

2.10 URUGUAI

O Uruguai obteve uma pontuação geral de 8,67 no Democracy Index 2024, ocupando a 15ª posição global e sendo classificado como democracia plena (EIU, 2025). O relatório destaca que o país alcançou as pontuações mais altas da região, com nota máxima em processo eleitoral

e pluralismo (10,00), alto desempenho no funcionamento do governo (9,29) e consistência em liberdades civis (9,41) (EIU, 2025).

A eleição de Yamandú Orsi à presidência, após um segundo turno acirrado, consolidou a continuidade de uma trajetória democrática marcada pela estabilidade e pela alternância de poder, reforçando o papel das instituições uruguaias como referência regional (Paixão, 2024). Vinculado à Frente Ampla, Orsi representa uma linha política voltada à inclusão social, à moderação programática e à preservação do equilíbrio institucional que tem caracterizado o sistema político do país (Cartacapital, 2024).

A democracia uruguaia mantém-se como um modelo de estabilidade na América Latina, sustentada por instituições sólidas, cultura política participativa e elevado grau de confiança pública (Mcnamara, 2025). A combinação entre governança efetiva, liberdade civil e compromisso social reafirma a posição do Uruguai como uma das democracias mais consolidadas e funcionais do continente, destacando-se pela continuidade institucional e pela resiliência de seu sistema representativo.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O panorama político da América do Sul sempre se apresentou como um campo de disputa profundamente polarizado entre direita e esquerda. Compreender a formação e a atualização desses campos políticos constitui um desafio central para interpretar as dinâmicas sociais e institucionais da região. Desde o século XX, o subcontinente tem revelado movimentos cíclicos de alternância entre governos progressistas e conservadores, expressando tanto a diversidade de projetos de sociedade quanto uma cultura política em amadurecimento. A sucessão desses ciclos, por vezes marcada por crises de legitimidade e por rápidas mudanças eleitorais, revela a coexistência de forças de transformação e de resistência, refletindo um equilíbrio instável entre demandas de

Breve panorama político da América do Sul

inclusão e imperativos de estabilidade.

A combinação singular que caracteriza o espaço sul-americano – formado por um mosaico de culturas, economias e trajetórias históricas – mostra-se marcada simultaneamente pela influência conservadora e pela persistência de forças de orientação progressista. Essa diversidade se traduz em diferentes arranjos institucionais e padrões de governabilidade, mas também em uma tendência persistente de polarização política e de intensificação da violência como instrumento de disputa. O assassinato de um candidato presidencial no Equador em 2025, durante o período eleitoral, e a prisão do ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro sob acusações de tentativa de golpe e de atos antidemocráticos ilustram um ambiente de crescente radicalização, que pressiona as instituições e enfraquece os mecanismos de mediação democrática.

A leitura comparada dos países evidencia que a região enfrenta um processo de erosão democrática gradual, no qual os indicadores de qualidade institucional se deterioram sob o impacto de crises econômicas, sociais e morais. O aumento do custo de vida, a desaceleração do crescimento e o enfraquecimento da capacidade estatal de promover políticas redistributivas compõem um quadro de descontentamento coletivo que favorece o surgimento de lideranças populistas e de projetos políticos de caráter personalista. A alternância pendular entre esquerda e direita reflete, assim, não apenas o dinamismo eleitoral, mas uma tensão estrutural entre modelos de desenvolvimento e visões de Estado. A recente ascensão de governos de orientação conservadora e de extrema direita, acompanhada pelo desgaste de coalizões progressistas que marcaram a “onda rosa”, expressa um ciclo de reconfiguração que ainda se encontra em curso e sem direção hegemônica definida.

Além dos fatores internos, a posição periférica que a América do Sul ocupa no sistema internacional limita sua margem de manobra e reforça sua dependência das potências centrais. A combinação entre desindustrialização, desigualdade estrutural e fragilidade fiscal reduz a

autonomia econômica e torna a região suscetível à influência de agendas externas, como as que emergem dos Estados Unidos ou da China. A vitória de Donald Trump nos Estados Unidos, por exemplo, reverberou de forma imediata no debate político regional, impulsionando a retórica nacionalista e as plataformas de direita. Paralelamente, a disseminação das novas tecnologias de comunicação e o uso estratégico das redes sociais transformaram o modo de fazer política, ampliando a circulação de desinformação e estimulando comportamentos de massa que fragilizam o debate racional. Esse contexto cria terreno fértil para a difusão de um neopopulismo digital, no qual emoção e identidade substituem o argumento e o programa.

A análise aqui desenvolvida aponta que o fortalecimento das democracias sul-americanas depende da reconstrução de confiança entre Estado e sociedade, da recuperação da capacidade de planejamento público e da ampliação de canais de representação política. O caso da América do Sul apresenta complexidade adicional, uma vez que o atendimento de políticas sociais tende a tensionar orçamentos públicos muito mais limitados do que os das economias centrais.

O desafio reside em compatibilizar estabilidade econômica com legitimidade social, em um cenário no qual a pressão das crises reduz o espaço de mediação e alimenta discursos simplificadores. O papel das instituições, nesse contexto, adquire centralidade, pois permanecem como o principal elemento de contenção das tensões políticas e de preservação do equilíbrio democrático. A disputa ideológica entre os partidos políticos não se sustentará por si apenas pela força da retórica ou da mobilização simbólica, ainda que a pauta de costumes tenha se tornado cada vez mais presente no debate público (Souza, 2024).

Outro elemento fundamental é a economia. Lachman (2024), ao analisar o cenário norte-americano, recorda a célebre frase consagrada na campanha eleitoral de Bill Clinton em 1992 –*It's the economy, stupid* –, frequentemente mobilizada para indicar a importância das condições

Breve panorama político da América do Sul

materiais de vida da população na definição dos cenários eleitorais. O autor observa que as eleições de 2025 nos Estados Unidos reforçam essa dinâmica. A recente eleição municipal de Nova Iorque, vencida por Zohran Mamdani –o primeiro prefeito muçulmano e de origem sul-asiática da cidade –, ilustra com clareza a centralidade do custo de vida no voto urbano contemporâneo. Mais da metade dos eleitores apontou a inflação e os preços como os temas mais relevantes da disputa (Boak; Sanders; Thomson-Deveaux, 2025). A campanha do prefeito eleito concentrou-se em moradia acessível, transporte gratuito e elevação do salário mínimo, articulando uma agenda de “economia para o povo” em contraposição às prioridades tradicionais da direita.

A lembrança da economia revela-se essencial diante da atual pressão inflacionária global, que tem elevado o custo de vida em praticamente todas as regiões do mundo. Europa, Estados Unidos, Ásia e América do Sul enfrentam simultaneamente choques de preços e perda de poder aquisitivo, intensificados por tensões geopolíticas e pela recomposição das cadeias produtivas após a pandemia. Essa conjuntura, somada aos efeitos persistentes da guerra na Ucrânia, produz um ambiente de incerteza prolongada. Parte dos economistas argumenta que os impactos do período recente ainda não foram totalmente absorvidos e que há um excesso de liquidez internacional capaz de instaurar uma nova fase de instabilidade, com potenciais riscos inflacionários.

Esse padrão sugere que, em diferentes estudos reunidos no projeto, a pressão econômica tende a deslocar o eixo tradicional dos alinhamentos ideológicos e a reordenar as dinâmicas eleitorais, mesmo em contextos políticos que não se assemelham diretamente aos da América do Sul. Ao longo dos casos examinados, a centralidade do “custo de vida” e das condições materiais de reprodução social aparece como elemento recorrente na erosão de lealdades partidárias, na reorganização de coalizões e na abertura de espaço para alternativas que se apresentam como resposta imediata à crise econômica, ainda que com matrizes

ideológicas distintas das que estruturaram o sistema político nas décadas anteriores.

Nos países sul-americanos analisados no conjunto dos artigos, onde persistem elevado custo de vida, informalidade laborativa e fragilidade institucional, esse deslocamento tende a ser ainda mais intenso. A discussão sobre a Colômbia, por exemplo, evidencia um ambiente em que as limitações fiscais e a dificuldade de produzir resultados econômicos tangíveis alimentam desconfiança, tensionam a relação entre Executivo e Legislativo e agravam o desgaste das instituições democráticas, dando espaço para o avanço da agenda da direita, que se vale do descrédito das políticas mais progressistas em um cenário de dificuldade econômica.

Nesse quadro mais amplo, a situação de governos com orçamentos restritos, que precisam equilibrar políticas de redistribuição e controle fiscal, aparece como um eixo comum de vulnerabilidade política na América do Sul. A incapacidade de formular e implementar respostas econômicas eficazes, seja em contextos de reformas progressistas em desgaste, seja em cenários de guinadas liberalizantes, tende a intensificar polarização, enfraquecer alianças parlamentares e reforçar percepções de instabilidade democrática. A consolidação da análise indica, assim, um denominador comum em que estrangimentos econômicos, violência política e fragilidade institucional se articulam na produção de crises de governabilidade que atravessam diferentes experiências nacionais sul-americanas.

No contexto mais amplo, o caso brasileiro é particularmente ilustrativo, pois convive com uma agenda de expansão do investimento público que busca sustentar um crescimento de caráter anticíclico em uma economia fragilizada e um cenário político fragmentado. Essa combinação produz sinais contraditórios entre política fiscal e monetária e tende a ampliar o risco de desequilíbrios fiscais e aumento da dívida pública, o que repercute sobre a credibilidade econômica e alimenta o desgaste do consenso político em um ambiente já marcado por polarização e conflito

Breve panorama político da América do Sul

entre os Poderes. As crises recorrentes entre Executivo, Legislativo e Judiciário e à persistência de desconfiança pública e fragmentação ideológica (Queiroz, 2024; Strano, 2025; Falcão; Salomão; Behnke, 2025; Mosquera, 2025; Barroso, 2022), indica que a tentativa de conciliar políticas de crescimento anticíclicas com o controle inflacionário em contexto de restrições fiscais opera como vetor adicional de tensão sobre a polarização política.

No mesmo sentido, a análise argentina demonstra como a economia tende a ser fator decisivo para a sustentação dos governos, em cenário de forte tensão social e estagnação econômica no início do mandato de Javier Milei, em que as políticas de austeridade são associadas ao agravamento da pobreza e do desemprego, ainda que acompanhadas de resultados fiscais apresentados como positivos (Nugent, 2025; Trigo, 2025). A vitória eleitoral de Milei é descrita como ponto de inflexão para a consolidação de uma nova direita internacional, apoiada de forma destacada pelos Estados Unidos, em contexto no qual esforços de aproximação política com Donald Trump e promessas de injeção de até 40 bilhões de dólares na economia argentina são indicados como centrais para a manutenção de expectativas favoráveis e para a valorização dos ativos financeiros do país (Antonini, 2025; Anzolini, 2025; Neto Parensi, 2025; Chafuen, 2025).

Essa combinação de restrições internas severas e dependência de suporte financeiro externo, cujo efetivo desdobramento permanece incerto, é apresentada por Schaffer (2025) como elemento que torna a Argentina particularmente suscetível a instabilidade política. Ao mesmo tempo, a Argentina se apresenta como plataforma para a projeção da influência geopolítica da direita norte-americana sobre a América do Sul, evidenciando que a ascensão da direita na região passa a assumir matizes diversos e articulados em escala transnacional.

Os exemplos analisados indicam que as tensões políticas no continente permanecem elevadas e se combinam com processos de

aprofundamento da polarização, em ambiente marcado por pressões sociais persistentes e forte volatilidade econômica. Nessa conjuntura, a defesa das instituições e da democracia converte-se em tarefa cada vez mais exigente, uma vez que os mecanismos de representação e de governo são continuamente testados por crises de legitimidade, disputas entre os Poderes e insatisfações acumuladas na sociedade. Apesar da recorrência de polarização política agressiva, crises institucionais e sucessivos impeachments na história recente da região, a experiência sul-americana revela uma resiliência democrática que tem resistido a provas severas, ainda que em processo imperfeito e inacabado, no qual se expõem simultaneamente a vulnerabilidade e a vitalidade de suas instituições políticas.

Dentro do jogo democrático, a atual onda política na região pode ser identificada como uma inflexão à direita, com ênfase em agendas que priorizam segurança, equilíbrio das contas públicas e políticas econômicas mais austeras, orientadas à diminuição de impostos e a pautas econômicas alinhadas a uma economia liberal. Esse movimento pode ser compreendido, de um lado, como um movimento pendular de alternância no poder, produto do próprio funcionamento da democracia; de outro, pode ser interpretado como um contra-golpe neoliberal após a chamada “onda rosa”, isto é, um rearranjo de poder que se consolida por vias formais e eleitorais, mas que tende, no longo prazo, a produzir restrição de direitos sociais, compressão de políticas redistributivas e aprofundamento de vulnerabilidades estruturais.

Essa dinâmica assume contornos especialmente preocupantes na América do Sul, onde as instituições governamentais ainda não atingiram plena maturidade e onde as economias se mantêm em posição periférica e menos robusta em comparação com Europa, América do Norte e Leste Asiático. A percepção difusa de ineficácia de políticas públicas associadas à esquerda, aliada à sensação de que um sistema tributário elevado não se converte em serviços públicos eficientes e à frustração com agendas

Breve panorama político da América do Sul

progressistas consideradas incapazes de enfrentar os principais problemas sociais ou de gerar prosperidade econômica, abre espaço para discursos que oferecem soluções simplificadas para questões complexas e que, no médio prazo, também têm falhado em responder a esses mesmos desafios estruturais. Assim, o ressurgimento da direita na região demanda observação cautelosa, pois pode configurar uma nova onda neoliberal, revivida e reforçada por um discurso conservador, com potencial de recrudescer problemas sociais antigos e de pressionar ainda mais os limites da democracia sul-americana.

4 CONCLUSÃO

Como conclusão, importa salientar que este trabalho assume um caráter exploratório e busca oferecer um quadro sintético das tendências recentes da política sul-americana. Longe de propor conclusões definitivas, pretende contribuir para o debate sobre os processos de mudança e continuidade que moldam o continente. As evidências reunidas indicam que, embora a América do Sul permaneça vulnerável a crises e rupturas, há sinais de resiliência institucional e de vitalidade democrática que sustentam a esperança de evolução. A compreensão dessas dinâmicas requer análise integrada, metodologicamente rigorosa e atenta às múltiplas escalas – nacional, regional e global – nas quais se definem os rumos políticos da região.

Contudo, o desmantelamento da Unasul, a dissolução do Conselho de Defesa Sul-Americano e o avanço de negociações econômicas bilaterais têm erodido décadas de construção institucional em torno de iniciativas como o Mercosul e sinalizam o aumento da influência dos Estados Unidos, que exploram as divisões internas do continente ao mobilizar seu peso econômico e privilegiar arranjos bilaterais em vez de negociações em bloco. Nesse contexto, o flerte persistente com um possível acordo entre União Europeia e Mercosul adquire caráter

paradoxal, pois expõe a perda de centralidade do próprio Mercosul. O acordo tende a se concretizar justamente porque seu efeito será reduzido e dificilmente corresponderá ao avanço estrutural que, em outro momento, se projetou para o processo de integração regional.

Ademais, a fragmentação política da região torna mais difíceis os esforços de cooperação e integração e, simultaneamente, torna o espaço sul-americano mais permeável à influência geopolítica de potências extrarregionais, em um contexto em que Estados Unidos, China e Rússia buscam ampliar sua presença. Essa condição de vulnerabilidade é explorada especialmente pelos Estados Unidos, que tendem a reforçar sua atuação política, econômica e securitária para preservar a região como área de influência preferencial e conter o avanço de outros competidores, em linha com sua tradicional visão de primazia hemisférica. A fragmentação passa, assim, a operar como fato estrutural que, por um lado, é utilizado por potências externas para aprofundar sua influência e, por outro, transforma a própria América do Sul em objeto de disputa estratégica, o que tende a intensificar a polarização interna e a consolidar um cenário de instabilidade duradoura, sustentado por causas estruturais profundas.

Nesse cenário, a combinação entre fragmentação regional, competição geopolítica e ressurgimento de agendas neoliberais configura um horizonte de incerteza prolongada para a América do Sul, mas também delimita com nitidez os desafios estratégicos da próxima década. A defesa do interesse nacional e da c sul-americana (e não do nacionalismo) adquire centralidade, na medida em que a capacidade de articular projetos nacionais minimamente estáveis, recompor mecanismos de cooperação regional, bem como da captura da agenda política pelo mercado, surgem como condição decisiva para evitar que a região permaneça apenas como objeto de disputa entre potências. A forma como os Estados sul-americanos responderem a essas pressões e reconstruírem seus processos de cooperação e integração indicará se a instabilidade

Breve panorama político da América do Sul

atual será apenas mais um ciclo de crise ou o início de uma reconfiguração mais profunda e duradoura da ordem política internacional, com consequências potencialmente deletérias para uma América do Sul fragmentada.

Referências

ALVIM, Mariana. Carro de Daniel Noboa, presidente do Equador, é atacado; o que se sabe. BBC News Brasil, São Paulo, 12 out. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c8jmz8plz0vo>. Acesso em: 22 nov. 2025.

ANTONINI, Patrizia. Milei obtém vitória surpreendente na Argentina; Trump celebra. ANSA Brasil, São Paulo, 27 out. 2025. Disponível em: https://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/mundo/2025/10/27/milei-obtem-vitoria-surpreendente-na-argentina-trump-celebra_8e1d4393-c5fb-4312-9d22-b486c8111629.html. Acesso em: 22 nov. 2025.

BAPTISTA, Rodrigo. Redes sociais influenciam voto de 45% da população, indica pesquisa do DataSenado. Senado Notícias, Brasília, 12 dez. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/12/redes-sociais-influenciam-voto-de-45-da-populacao-indica-pesquisa-do-datasenado>. Acesso em: 22 nov. 2025.

BARROSO, Luís Roberto. A democracia sob pressão: o que está acontecendo no mundo e no Brasil. Revista CEBRI, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, jan.–mar. 2022. Disponível em: <https://cebri.org/revista/br/artigo/23/a-democracia-sob-pressao-o-que-esta-acontecendo-no-mundo-e-no-brasil>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Breve panorama político da América do Sul

Referências

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Consenso de Brasília – 30 de maio de 2023, 30 maio, 2023. Disponível em: [Consenso de Brasília – 30 de maio de 2023 – Ministério das Relações Exteriores](#). Acesso em: 06 nov. 2025.

BISCHOFF, Wesley. Esquerda x direita – veja como está o mapa da América do Sul após a eleição presidencial na Bolívia. G1, São Paulo, 20 out. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/10/20/esquerda-x-direita-veja-como-esta-o-mapa-da-america-do-sul-apos-a-eleicao-presidencial-na-bolivia.ghtm>. Acesso em: 22 nov. 2025.

BOAK, Josh; SANDERS, Linley; THOMSON-DEVEAUX, Amelia. Voters prioritize the economy above immigration and crime in Election 2025, AP Voter Poll finds. AP News, 4 nov. 2025. Disponível em: <https://apnews.com/article/economy-issues-exit-poll-election-2025-ccd2cab49e6f7d6b310173d70ce570f8>. Acesso em: 22 nov. 2025.

BOBBIO, Norberto. Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 2. reimp. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

BOLIVIA VERIFICA ELECCIONES. Morales usa cifras de abstención, blancos y nulos para declara una victoria con más del 50%, 24 ago, 2025. Disponível em: [Morales usa cifras de abstención, blancos y nulos para declarar una victoria con más del 50% - Bolivia Verifica. Elecciones](#). Acesso em: 07 nov. 2025.

Referências

BOSWORTH, James. In Colombia, Cabinet drama is derailing Petro's reform agenda – again. World Politics Review, 5 maio 2025. Disponível em: <https://www.worldpoliticsreview.com/colombia-petro-labor-reform>. Acesso em: 22 nov. 2025.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Consenso de Brasília – 30 de maio de 2023. 30 maio 2023. Disponível em: Consenso de Brasília – 30 de maio de 2023 – Ministério das Relações Exteriores. Acesso em: 22 nov. 2025.

BRITO, Ricardo. ATUALIZA 3 STF condena Bolsonaro e mais 7 réus por tentativa de golpe de Estado. Reuters, 11 set. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/BO7WEHSK3JLLVNOTQUWXTZDLR4-2025-09-11/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

CABRERA MELGAR, Ariel. Victoria de Rodrigo Paz desata presión económica: el dólar sube y expertos advierten sobre reformas profundas, 19 outubro 2025. Disponível em: https://eldeber.com.bo/santa-cruz/victoria-rodrigo-paz-desata-presion-economica-dolar-suba-expertos-advienten-reformas-profundas_1760930348. Acesso em: 23 nov. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Sigla – FBI. Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms/siglas/siglario2/f/FBI.html>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Breve panorama político da América do Sul

Referências

CAMARGO, Bárbara Vicentini. Unasul e ProSul: o pêndulo político e a integração regional. *Relações Exteriores*, 1 ago. 2025. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/unasul-prosul-pendulo-politico-regional/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

CAPOMACCIO, Sandra. Bolívia pende para a direita e decide futuro político em segundo turno histórico. *Jornal da USP*, São Paulo, 8 set. 2025. Disponível em: www.jornal.usp.br/atualidades/bolivia-pende-para-a-direita-e-decide-futuro-politico-em-segundo-turno-historico/. Acesso em: 22 nov. 2025.

CARTACAPITAL. Quem é Yamandú Orsi, candidato da esquerda eleito presidente do Uruguai. *CartaCapital*, São Paulo, 25 nov. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/quem-e-yamandu-orsi-candidato-da-esquerda-eleito-presidente-do-uruguai/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

CASTAÑO, Pablo. O último ano de Gustavo Petro. Tradução de Pedro Silva. *Jacobin Brasil*, São Paulo, 30 abr. 2025. Disponível em: www.jacobin.com.br/2025/04/o-ultimo-ano-de-gustavo-petro/. Acesso em: 22 nov. 2025.

CASTELLANOS, Daniel Salazar. Banco Mundial eleva projeção de crescimento da América Latina para 2025 e 2026. *Bloomberg Línea*, 7 out. 2025. Disponível em: <https://www.bloomberglinea.com.br/internacional/banco-mundial-eleva-projecao-de-crescimento-da-america-latina-para-2025-e-2026/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Referências

CHADE, Jamil. Milei propõe aliança com Trump, Netanyahu e Meloni para ‘salvar’ o Ocidente. UOL, 15 nov. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/columnas/jamil-chade/2024/11/15/milei-propoe-alianca-com-trump-netanyahu-e-meloni-para-salvar-o-ocidente.htm>. Acesso em: 22 nov. 2025.

CHAFUEN, Alejandro. Milei e o futuro da relação com os EUA e a Europa. Observador.pt, Lisboa, 2025. Disponível em: <https://observador.pt/opiniao/milei-e-o-futuro-da-relacao-com-os-eua-e-a-europa/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

CHAGAS, Rodrigo. Mesmo com plano de ‘paz total’ de Petro, assassinatos de lideranças mantêm violência política em alta na Colômbia. Brasil de Fato, São Paulo, 1 set. 2025. Disponível em: www.brasildefato.com.br/2025/09/01/mesmo-com-plano-de-paz-total-de-petro-assassinatos-de-liderancas-mantem-violencia-politica-em-alta-na-colombia. Acesso em: 22 nov. 2025.

CHUQUIMIA, Marco Antonio. Arce y Novillo salen a defender su gestión y dicen que Paz tiene datos imprecisos. El Deber, Santa Cruz de la Sierra, 17 nov. 2025. País. Disponível em: https://eldeber.com.bo/pais/arce-novillo-salen-defender-gestion-dicen-paz-tiene-datos-imprecisos_1763434066. Acesso em: 22 nov. 2025.

Breve panorama político da América do Sul

Referências

CLAD – Centro Latinoamericano de Administración para el Desarrollo. Relatório Estado, democracia e desigualdades na América Latina e Caribe. Caracas: CLAD, 2025.

CNN BRASIL. “Governo da Venezuela é uma ditadura e como ditadura deve ser tratado”, diz Randolfe à CNN. CNN Brasil, São Paulo, 11 jan. 2025. Disponível em: www.cnnbrasil.com.br/politica/governo-da-venezuela-e-uma-ditadura-e-como-ditadura-deve-ser-tratado-diz-randolfe-a-cnn/. Acesso em: 22 nov. 2025.

CNN BRASIL. Bioceânica: Estrada consolida guinada liberal do Paraguai. CNN Brasil, 18 set. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/bioceanica-estrada-consolida-guinada-liberal-do-paraguai/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

CONCI, Luiz Guilherme Arcaro. Por uma análise latino-americana da realidade constitucional. JOTA, São Paulo, 9 maio 2025. Disponível em: www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/america-latina-democracia-incompleta/por-uma-analise-latino-americana-da-realidade-constitucional/. Acesso em: 22 nov. 2025.

Referências

CRUZ, Dayana Aparecida Marques de Oliveira. Os rumos da integração regional no subcontinente: da UNASUL ao PROSUL, o que mudou? Revista de Geopolítica, v. 11, n. 4, p. 111-122, out./dez. 2020. Acesso em: 22 nov. 2025.

CUETO, José Carlos. A crise política que culminou no atentado contra Miguel Uribe na Colômbia. BBC News Brasil, Bogotá, 9 jun. 2025a. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/articles/c5y8mkd8rplo/. Acesso em: 22 nov. 2025.

CUETO, José Carlos. O ‘decretaço’ com que Petro desafia Congresso da Colômbia e pode causar crise constitucional. BBC News Brasil, Bogotá, 2025b. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/articles/c5yknn8dkm6o/. Acesso em: 22 nov. 2025.

DEL RINCÓN, Fernando. Presidente eleito da Bolívia diz que “justiça recairá” sobre Evo Morales, 21 outubro 2025. Disponível em: [CLAD – Centro Latinoamericano de Administración para el Desarrollo. Relatório Estado, democracia e desigualdades na América Latina e Caribe. Caracas: CLAD, 2025.](#)

DEUTSCHE WELLE. Líderes progressistas selam aliança em defesa da democracia. DW Brasil, Bonn, 21 jul. 2025. Disponível em: www.dw.com/pt-br/lula-e-lideres-progressistas-selam-alianca-em-defesa-da-democracia/a-73360580/. Acesso em: 22 nov. 2025.

Breve panorama político da América do Sul

Referências

DOMÍNGUEZ, Raúl. Bolivia busca reposicionarse ante inversionistas en cumbre empresarial en Santa Cruz. El Deber, Santa Cruz de la Sierra, 05 nov. 2025. Economía. Disponível em: https://eldeber.com.bo/economia/bolivia-busca-reposicionarse-inversionistas-cumbre-empresarial-santa-cruz_1762355226 Acesso em: 22 nov. 2025.

DUTERME, Bernard. Amérique latine; poussées progressistes, réactions conservatrices. Louvain-la-Neuve: Centre Tricontinental (CETRI) / Alternatives Sud, 2025a. Disponível em: <https://www.cetri.be/Amerique-latine-poussees-6288>. Acesso em: 22 nov. 2025.

DUTERME, Bernard. L'Amérique latine selon Trump; des menaces aux réalités. Louvain-la-Neuve: Centre Tricontinental (CETRI), 2025b. Disponível em: <https://www.cetri.be/L-Amerique-latine-selon-Trump-des>. Acesso em: 22 nov. 2025.

ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. Democracy Index 2024 – What's wrong with representative democracy? Londres: The Economist Group, 2025. Disponível em: <https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2024/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Referências

ESCÓBAR, Lizeth. Ecuador se alista para su decimoquinta consulta popular desde el retorno a la democracia. El Universo, Guayaquil, 11 out. 2025. Disponível em: <https://www.eluniverso.com/noticias/politica/ecuador-se-alista-para-su-decimoquinta-consulta-popular-desde-el-retorno-a-la-democracia-nota/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

FALCÃO, Tainá; SALOMÃO, Mateus; BEHNKE, Emilly. Brasil vive momento “atípico” e há uma crise entre Poderes, diz Hugo à CNN. CNN Brasil, São Paulo, 8 ago. 2025. Disponível em: www.cnnbrasil.com.br/politica/brasil-vive-momento-atipico-e-ha-uma-crise-entre-poderes-diz-hugo-a-cnn/. Acesso em: 22 nov. 2025.

FIGUEIREDO, Janaína. Aliança transnacional – Ascensão de direita inspirada por Trump na América do Sul fomenta riscos para região. O Globo, 24 ago. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/08/24/alianca-transnacional-ascensao-de-direita-inspirada-por-trump-na-america-do-sul-fomenta-riscos-para-regiao.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2025.

FONSECA, Joel Pinheiro da. Os ventos do continente sopram para a direita. Folha de S.Paulo, 17 nov. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joel-pinheiro-da-fonseca/2025/11/os-ventos-do-continente-sopram-para-a-direita.shtml>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Breve panorama político da América do Sul

Referências

FLORES ESTREMADOIRO, Ernesto. EL presidente Arce importó más combustibles que Evo, pero deja una crisis histórica, 27 outubro 2025. Disponível em: <https://eldeber.com.bo/economia/2025-10-26-21-21-21-el-presidente-arce-importo-mas-combustibles-que-evo-pero-deja-una-crisis-historica>. Acesso em: 23 nov. 2025.

FREITAS, Paula. Sob aumento da violência, Equador vai às urnas em disputa entre esquerda e direita. Veja, São Paulo, 11 abr. 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/sob-aumento-da-violencia-equador-vai-as-urnas-em-disputa-entre-esquerda-e-direita/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

GAVRAS, Douglas. Rodrigo Paz surpreende de novo, é eleito presidente da Bolívia e encerra ciclo da esquerda. Folha de S.Paulo, São Paulo, 19 out. 2025. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2025/10/rodrigo-paz-surpreende-de-novo-e-eleito-presidente-da-bolivia-e-encerra-ciclo-da-esquerda.shtml> Acesso em: 22 nov. 2025.

GOUSSINSKY, Eugenio. Direita retoma espaço na América do Sul. Revista Oeste, 24 out. 2025. Disponível em: <https://revistaoeste.com/revista/edicao-293/direita-retoma-espaco-na-america-do-sul/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Referências

GUTIERREZ, Felipe. Crise econômica deixa Venezuela mais próxima de mudança, diz pesquisadora que elaborou plano da oposição. Folha de S.Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2025/07/crise-economica-deixa-venezuela-mais-proxima-de-mudanca-diz-pesquisadora-que-elaborou-plano-da-oposicao.shtml>. Acesso em: 22 nov. 2025.

ICL NOTÍCIAS. Congresso do Peru derruba presidente Dina Boluarte e nomeia novo líder. ICL Notícias, São Paulo, 10 out. 2025. Disponível em: <https://iclnoticias.com.br/congresso-do-peru-derruba-presidente-boluarte/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

JUNQUEIRA, Caio. Bioceânica: Estrada consolida guinada liberal do Paraguai, 18 setembro 2025. Disponível em: Bioceânica: Estrada consolida guinada liberal do Paraguai | CNN Brasil. Acesso em: 23 nov. 2025.

KOENIG, Kevin. Ecuador y petróleo: un desafío para la democracia y la Amazonia. El País, Madrid, 7 out. 2025. Disponível em: <https://elpais.com/america-futura/2025-10-07/ecuador-y-petroleo-un-desafio-para-la-democracia-y-la-amazonia.html>. Acesso em: 22 nov. 2025.

LEÓN, Lucas Pordeus. Venezuela não é ditadura nem democracia liberal, diz pesquisadora. Agência Brasil, Brasília, 3 ago. 2024. Disponível em: www.agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-08/venezuela-nao-e-ditadura-nem-democracia-liberal-diz-pesquisadora. Acesso em: 22 nov. 2025.

Breve panorama político da América do Sul

Referências

LEÓN, Lucas Pordeus. Venezuela rompe com Paraguai e acusa Argentina de desestabilizar país. Agência Brasil, Brasília, 7 jan. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-01/venezuela-rompe-com-paraguai-e-acusa-argentina-de-desestabilizar-pais>. Acesso em: 22 nov. 2025.

LLATA, Marina. Fim do ciclo da esquerda no governo da Bolívia reflete anos de alta tensão política e crise econômica profunda. Jornal da Unesp, São Paulo, 21 ago. 2025. Disponível em: www.jornal.unesp.br/2025/08/21/fim-do-ciclo-da-esquerda-no-governo-da-bolivia-reflete-anos-de-alta-tensao-politica-e-crise-economica-profunda/. Acesso em: 22 nov. 2025.

LOPES, Gabriel. Presidente do Paraguai critica violência política e cita Kirk. Poder360, Brasília, 24 set. 2025. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-internacional/presidente-do-paraguai-critica-violencia-politica-e-cita-kirk/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

MAIA, Mateus. Lula recebe 10 presidentes sul-americanos para retomar diálogo. Poder360, Brasília, 29 maio 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/lula-recebe-10-presidentes-sul-americanos-para-retomar-dialogo/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

McKENNA, Brendan. Unwinding the tide: Latin America's shift to the political right. Wells Fargo Economics, 11 jun. 2025. Disponível em: <https://bcm.nacm.org/wp-content/uploads/2025/06/Unwinding-the-tide.-Latin-Americas-shift-to-the-political-right.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Referências

McNAMARA, Ames. Uruguay's Democracy: A Model for Stability in Latin America. Harvard International Review, 28 mar. 2025. Disponível em: <https://hir.harvard.edu/uruguays-democracy-a-model-for-stability-in-latin-america>. Acesso em: 22 nov. 2025.

MELGAR CABRERA, Ariel. Rodrigo Paz posesiona al nuevo Alto Mando Militar y anuncia una “nueva era” para las Fuerzas Armadas. El Deber, Santa Cruz de la Sierra, 13 nov. 2025. País. Disponível em: https://eldeber.com.bo/pais/rodrigo-paz-posesiono-nuevo-alto-mando-militar_1763066658 Acesso em: 22 nov. 2025.

MOSQUERA, Martín. O que fazer com a democracia liberal? Tradução de Pedro Silva. Jacobin Brasil, São Paulo, 18 set. 2025. Disponível em: www.jacobin.com.br/2025/09/o-que-fazer-com-a-democracia-liberal/. Acesso em: 22 nov. 2025.

NOBERTO, Cristiane. “Bioceânica abrirá novas portas”, diz presidente do Paraguai no Brasil. CNN Brasil, Brasília, 9 set. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/bioceanica-abrira-novas-portas-diz-presidente-do-paraguai-no-brasil/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

NUGENT, Ciara. Argentinos perdem a paciência com Milei após economia estagnar. Folha de S.Paulo, São Paulo, 7 out. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2025/10/argentinos-perdem-a-paciencia-com-milei-apos-economia-estagnar.shtml>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Breve panorama político da América do Sul

Referências

OCHOA TERÁN, Luis. Noboa: entre el crimen organizado y la democracia. El Nacional, Caracas, 28 set. 2025. Disponível em: <https://www.elnacional.com/2025/09/noboa-entre-el-crimen-organizado-y-la-democracia/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

OLIVA, Ayelén. Quem é novo presidente da Bolívia, que quer substituir socialismo por “capitalismo para todos”? BBC News Brasil, Londres, 20 out. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clygn2lx2x0o> Acesso em: 22 nov. 2025.

OSBORN, Catherine. Latin America’s ascendant right is tested at the ballot box. Foreign Policy, 21 nov. 2025. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2025/11/21/latin-america-right-wing-wave-elections-chile-ecuador/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

PADINGER, Germán. Análise: Por que a atual crise na Venezuela é diferente de qualquer outra? CNN Brasil, São Paulo, 20 set. 2025. Disponível em: www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-por-que-a-atual-crise-na-venezuela-e-diferente-de-qualquer-outra/. Acesso em: 22 nov. 2025.

PAIXÃO, Mayara. Esquerdista Yamandú Orsi é eleito presidente do Uruguai. Folha de S.Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/11/boca-de-urna-poe-esquerda-a-frente-no-uruguai-em-meio-a-segundo-turno-acirrado.shtml>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Referências

PAREDES, Norberto. Por que Venezuela volta a enfrentar “tempestade perfeita” na economia. BBC News Brasil, Caracas, 2025. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/articles/cy48wwzn43ko. Acesso em: 22 nov. 2025.

PARTIDO COLORADO. In: Wikipedia. Wikipedia, 2025. Disponível em: [Partido Colorado \(Paraguai\) – Wikipédia, a enciclopédia livre](#). Acesso em: 06. nov 25.

PARTIDO DEMOCRATA CRISTAO (BOLÍVIA). In:Wikipedia. Wikipedia, 2025. Disponível em: [Partido Democrata Cristão \(Bolívia\) – Wikipédia, a enciclopédia livre](#). Acesso em: 07 nov. 2025.

PAULA, Isabella de. Como fica a divisão de poder entre direita e esquerda na América Latina após as eleições no Uruguai. Gazeta do Povo, 25 nov. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/como-fica-divisao-poder-entre-direita-esquerda-america-latina/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

PHILLIPS, Tom. Jair Bolsonaro leads Brazil’s presidential race from hospital bed. The Guardian, São Paulo, 27 set. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/sep/27/jair-bolsonaro-brazils-far-right-presidential-frontrunner-campaigns-from-hospital-bed>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Breve panorama político da América do Sul

Referências

PIZANO, Ernesto Samper. Why is Latin America shifting to the right? The Guardian, Londres, 9 jul. 2025. Seção Opinion. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2025/jul/09/latin-america-shifting-right>. Acesso em: 22 nov. 2025.

PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. Sigla-FBI, 14 de setembro de 2005. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms/siglas/siglariorio2/f/FBI.html>. Acesso em: 06 nov. 2025.

QUEIROZ, Antônio Augusto de. Análise da conjuntura brasileira pós-eleições municipais. PROIFES-Federação, Brasília, 23 nov. 2024. Disponível em: www.proifes.org.br/analise-da-conjuntura-brasileiro-pos-eleicoes-municipais/. Acesso em: 22 nov. 2025.

RALDES, Aizar. Rodrigo Paz deu declaração ao tomar posse como presidente do país andino. Correio do Povo, Porto Alegre, p.6, 10 nov. 2025.

REID, Michael. Latin America's rightward shift. Americas Quarterly, 13 maio 2025. Disponível em: <https://www.americasquarterly.org/article/latin-americas-rightward-shift/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Referências

RIBAS, Raphaela. Rodrigo Paz toma posse como presidente da Bolívia e põe fim a 20 anos da esquerda no país. Gazeta do Povo, Curitiba, 08 nov. 2025. Mundo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/rodrigo-paz-toma-posse-como-presidente-da-bolivia-fim-de-20-anos-de-esquerda-no-pais/> Acesso em: 22 nov. 2025.

RIERA, Enrique. Paraguai terá base contra o Hezbollah apoiada por FBI na Tríplice Fronteira, 15 agosto 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QYrO5snW6II>. Acesso em: 23 nov. 2025.

ROSATI, Andrew. Crime and economic woes push South American voters to the right. Buenos Aires Times, 18 nov. 2025. Disponível em: <https://www.batimes.com.ar/news/latin-america/crime-and-economic-woes-push-south-american-voters-to-the-right.phtml>. Acesso em: 22 nov. 2025.

SANTIAGO, Lorenzo. Com disputa interna e crise econômica, Bolívia tem eleições com maior risco para esquerda em 20 anos. Brasil de Fato, Caracas (Venezuela), 17 ago. 2025a. Disponível em: www.brasildefato.com.br/2025/08/17/com-disputa-interna-e-crise-economica-bolivia-tem-eleicoes-com-maior-risco-para-esquerda-em-20-anos/. Acesso em: 22 nov. 2025.

Breve panorama político da América do Sul

Referências

SANTIAGO, Lorenzo. Oito candidatos vão disputar as eleições presidenciais no Chile em novembro. Brasil de Fato, Caracas (Venezuela), 19 ago. 2025b. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/08/19/oito-candidatos-vaio-disputar-as-eleicoes-presidenciais-no-chile-em-novembro/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

SANTOS FILHO, João Estevam dos. Os desafios da “nova Onda Rosa” na América do Sul. Le Monde Diplomatique Brasil, 29 set. 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/os-desafios-da-nova-onda-rosa-na-america-do-sul/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

SCATOLINI, Amanda. Desigualdades sociais corroem confiança na democracia, diz ministra de Desenvolvimento Social do Chile. O Globo, Rio de Janeiro, 26 set. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/09/26/desigualdade-s-sociais-corroem-confianca-na-democracia-diz-ministra-de-desenvolvimento-social-do-chile.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2025.

SCHROEDER, Lucas. Cid: Bolsonaro pressionou para relatório sobre urnas indicar fraude em 2022. CNN Brasil, São Paulo, 21 fev. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/cid-bolsonaro-pressionou-para-relatorio-sobre-urnas-indicar-fraude-em-2022/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Referências

SILVA, Germano Ribeiro Fernandes. Agenda de segurança do Paraguai – desafios para a integração na América do Sul. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais), Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre, 2011.

SOUZA, Jessé. O pobre de direita: a vingança dos bastardos. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

SPIESS, Matheus. Eleições no Chile selam a guinada conservadora na América do Sul – o Brasil caminha na mesma direção? Money Times, 21 nov. 2025. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/eleicoes-no-chile-selam-a-guinada-conservadora-na-america-do-sul-o-brasil-caminha-na-mesma-direcao-rnda/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

STRANO, Salvador. Brasileiro está polarizado e acena ao liberalismo, evidencia pesquisa. CNN Brasil, São Paulo, 4 out. 2025. Disponível em: www.cnnbrasil.com.br/politica/brasileiro-esta-polarizado-e-acena-ao-liberalismo-evidencia-pesquisa/. Acesso em: 22 nov. 2025.

STUCKERT, Ricardo. Presidente também ressaltou a ameaça do “uso da força militar” na região. Correio do Povo, Porto Alegre, p. 3, 10 nov. 2025.

Breve panorama político da América do Sul

Referências

TADDEO, Luciana. Para negociar com Mercosul, Bolívia precisa arrumar a casa, diz Rodrigo Paz, 20 outubro 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/para-negociar-com-mercotel-bolivia-precisa-arrumar-a-casa-diz-rodrigo-paz/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

TADDEO, Luciana. Presidente eleito da Bolívia busca apoio do Brasil por falta de combustível, 20 outubro 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/presidente-eleito-da-bolivia-busca-apoio-do-brasil-por-falta-de-combustivel/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

TADDEO, Luciana. Conheça o plano econômico de novo presidente da Bolívia, Rodrigo Paz, 20 outubro 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/conheca-o-plano-economico-de-novo-presidente-da-bolivia-rodrigo-paz/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

TADDEO, Luciana. Entenda os desafios que o novo presidente da Bolívia enfrentará no país, 20 outubro 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-os-desafios-que-o-novo-presidente-da-bolivia-enfrentara-no-pais/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

Referências

TADDEO, Luciana. Quem é Rodrigo Paz Pereira, o novo presidente da Bolívia, 19 outubro 2025. Disponível: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/quem-e-rodrigo-paz-pereira-o-novo-presidente-da-bolivia/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

TAKAHASHI, Luana. Abalado pela violência, Equador espera eleição apertada; conheça candidatos. UOL, São Paulo, 9 fev. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2025/02/09/abalado-pela-violencia-equador-espera-eleicao-apertada-conheca-candidatos.htm>. Acesso em: 22 nov. 2025.

TORQUATO, Gaudêncio. A nova onda autoritária. Jornal USP, 17 nov. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articelistas/gaudencio-torquato/a-nova-onda-autoritaria/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

TRIGO, Luciano. A pobreza na Argentina sob Javier Milei. Gazeta do Povo, Curitiba, 7 out. 2025. Disponível em: www.gazetadopovo.com.br/vozes/luciano-trigo/pobreza-argentina-javier-milei/. Acesso em: 22 nov. 2025.

UNICEP. A influência das redes sociais na política: qual o real impacto? Centro Universitário Central Paulista, São Carlos, 29 out. 2024. Disponível em: <https://www.unicep.edu.br/post/a-influ%C3%Aancia-das-redes-sociais-na-pol%C3%ADtica-qual-o-real-impacto>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Breve panorama político da América do Sul

Referências

UOL. Economista e conservador: quem é Peña, presidente paraguaio alvo da Abin. UOL, São Paulo, 2 abr. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2025/04/02/economista-e-conservador-quem-e-pena-presidente-paraguaio-alvo-da-abin.htm>. Acesso em: 22 nov. 2025.

VARGAS, Carlos. Colombia's Senate approves labor reform amid tension with Petro. Reuters, 17 jun. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/americas/colombias-senate-approves-labor-reform-amid-tension-with-petro-2025-06-18>. Acesso em: 22 nov. 2025.

VELASCO, Hector. De crise em crise: o que espera o Peru sob seu sétimo governo em uma década? Estado de Minas, Belo Horizonte, 10 out. 2025. Disponível em: <https://www.em.com.br/internacional/2025/10/amp/7268127-de-crise-em-crise-o-que-espera-o-peru-sob-seu-setimo-governo-em-uma-decada.html>. Acesso em: 22 nov. 2025.

VILLEGAS, Alexander. Campanha presidencial do Chile começa com segurança e estabilidade em foco. CNN Brasil, 17 set. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/campanha-presidencial-do-chile-comeca-com-seguranca-e-estabilidade-em-foco/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Notas dos autores:

1. Governança refere-se à capacidade administrativa e técnica do Estado de implementar políticas públicas, coordenar instituições e garantir a efetividade das decisões governamentais. Já governabilidade diz respeito às condições políticas que permitem ao governo manter estabilidade e apoio, assegurando sustentação parlamentar e legitimidade social para a condução de sua agenda.

* o artigo não se estendeu sobre as decisões de Trump sobre a Venezuela, que embora auxilie a sustentar o ponto do artigo – com a perspectiva do avanço da direita, da fragmentação política que paralisa a integração e fragilizam respostas a intervenções estrangeiras no continente –, demandaria um esforço analítico que foge ao escopo da proposta, mais centrada na conjuntura política dos governos da América do Sul e da clivagem entre esquerda e direita.

NÚMERO 63

ISAPE Debate

NOVEMBRO 2025

**Instituto Sul-Americano
de Política e Estratégia**

South American Institute
for Politics and Strategy

**Soberania,
Integração &
Desenvolvimento**

Rua 24 de Outubro, 850/310
Bairro Moinhos de Vento
Porto Alegre - RS, Brasil
CEP 90510-000

www.isape.org.br
diretoria@isape.org.br

